

Remix Ensemble

Casa da Música

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Lucas Vis direcção musical
Stefan Blunier direcção musical
Piet Van Bockstal oboé
Digitópia electrónica

23 Abr 2023 · 18:00 Sala Suggia

MÚSICA & REVOLUÇÃO
ANO ALEMANHA



casa da música

APOIO

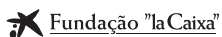


ernst von siemens
music foundation



Lucas Vis e Stefan Blunier apresentam os programas que dirigem no ciclo Música & Revolução.

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Remix Ensemble Casa da Música

Lucas Vis direcção musical

Piet Van Bockstal oboé

Bruno Maderna

Concerto n.º 1 para oboé e ensemble (1962; c.16min)

Pierre Boulez/Johannes Schöllhorn

Douze Notations, instrumentação para ensemble (1945/2011; c.15min)

- I. Fantasque — Modéré
- II. Très vif
- III. Assez lent
- IV. Rythmique
- V. Doux et improvisé
- VI. Rapide
- VII. Hiératique
- VIII. Modéré jusqu'à très vif
- IX. Lointain — Calme
- X. Mécanique et très sec
- XI. Scintillant
- XII. Lent — Puissant et âpre

2ª PARTE

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical

Digitópia electrónica

Karlheinz Stockhausen

Hymnen (Terceira Região), música electrónica com orquestra (1969; c.42min)

Bruno Maderna

VENEZA, 21 DE ABRIL DE 1920

DARMSTADT, 13 DE NOVEMBRO DE 1973

Concerto n.º 1 para oboé e ensemble

Os Cursos de Verão de Darmstadt foram um palco privilegiado para a afirmação das vanguardas musicais do pós-Segunda Guerra Mundial. Marcaram o ressurgimento cultural da Europa e a recuperação das estéticas silenciadas pelo Nazismo e pelo Fascismo. Uma das figuras de proa desses cursos foi o italiano Bruno Maderna, frequentador do evento a partir de 1951 e professor neste a partir de 1953. Além de compositor, foi um importante maestro, liderando a estreia de mais de 50 obras ao longo de várias edições. A presença de Maderna em Darmstadt resultou de um convite endereçado por Wolfgang Steinecke, impulsionador dos cursos, após recomendação do compositor Karl Amadeus Hartmann. A rápida afirmação de Maderna tornou-o uma referência aglutinadora e marcante da primeira geração de participantes.

O Concerto n.º 1 para oboé e ensemble foi escrito entre 1962 e 1963, e estreado a 24 de Julho de 1963, durante edição desse ano dos Cursos de Darmstadt. Nessa apresentação, o compositor dirigiu o oboísta Lothar Faber e o Internationales Kranichsteiner Kammerensemble. A obra é uma reformulação de *Komposition für Oboe, Kammerensemble und Tonband*, escrita em 1962 e estreada a 15 de Julho desse ano, também em Darmstadt. Na adaptação, Maderna emulou elementos associados à música electrónica de então, como a manipulação do timbre. Essas transformações encontram-se especialmente patentes nas cadências do oboé e em passagens do agrupamento camerístico. Adicionalmente, ouvimos elementos

associados à banda magnética transferidos para instrumentos acústicos — uma forma de transgredir barreiras e conciliar universos sonoros distintos. O concerto condensa vários elementos da abordagem ímpar de Maderna, em especial a conjugação entre princípios de organização do serialismo múltiplo e o indeterminismo. Assim, misturam-se o impulso estruturalista associado aos cânones de Darmstadt dos anos 50 com a liberdade criativa impulsionada por compositores americanos como John Cage, presença impactante na edição de 1958.

No Concerto n.º 1, o solista alterna entre oboé, oboé *d'amore* e corne inglês, criando uma paleta de timbres e atmosferas particulares, de forma a sublinhar o carácter e as potencialidades de cada instrumento. Passagens virtuosísticas e cadências a solo são interpoladas por episódios contrastantes definidos por motivos e pelo timbre, destacando-se, assim, as múltiplas possibilidades do reduzido agrupamento. A angularidade melódica, a abordagem pontilhista e camerística, e a irregularidade rítmica evocam a herança do Modernismo Vienense. Jogos de dinâmicas e articulações definem momentos do solista, por vezes apresentados sobre um fundo sonoro estático e acompanhado dos harmónicos das cordas. As texturas que se contraem e distendem, o aproveitamento da flexibilidade tímbrica nos ataques dos instrumentos solistas e os momentos em que a escrita de Maderna dá espaço à imaginação dos intervenientes, através do uso de notações gráficas, definem a peça e intensificam os contrastes do estilo concertante. Assim, solista e agrupamento interagem de forma contida ou intensa, alternando elementos cinéticos e tempestuosos, de forma a criar massas sonoras por entre as quais serpenteia o solista. Os contrastes abruptos entre som e silêncio, o recurso à ressonância e a valorização da

percussão marcam uma obra basilar da Escola de Darmstadt, actualizando, de forma vanguardista, os princípios concertantes virtuosísticos reminiscentes do Barroco.

JOÃO SILVA, 2023

Pierre Boulez

MONTBRISON, 26 DE MARÇO DE 1925

BADEN BADEN, 5 DE JANEIRO DE 2016

Douze Notations, instrumentação para ensemble de Johannes Schöllhorn

Pierre Boulez foi um dos introdutores em França do serialismo integral associado ao espírito de Darmstadt. Aluno de Olivier Messiaen no Conservatório de Paris, a sua abordagem aos modelos seriais foi influenciada determinantemente pelo contacto com o compositor e director de orquestra René Leibowitz, com quem estudou particularmente. Leibowitz foi preponderante na promoção do cânone estético da Segunda Escola de Viena em França, o qual foi expandido por compositores das gerações seguintes, como Boulez. Assim, um impulso modernista para a atonalidade e para o serialismo é intensificado e alargado em importantes centros musicais após a Segunda Guerra Mundial.

As *Douze Notations* foram compostas em 1945, e foram das primeiras obras que Boulez publicou. O compositor valorizava então uma abordagem atomística e racionalista aos materiais musicais, revelando uma clara influência weberniana. Nesse contexto, cada nota é individualizada e tratada de modo particular nos seus mais diversos parâmetros. As *Notations* formam um conjunto de curtas peças virtuosísticas baseadas no experimentalismo serial, tendo sido estreadas em Paris, a 12 de

Fevereiro de 1946, por Yvette Grimaud. Captam um momento-chave do percurso formativo do compositor, entre o dodecafonismo serial e o serialismo integral. A partir da década de 60, Boulez reformulou diversas peças de juventude, tendo começado a trabalhar numa versão para grande orquestra das *Douze Notations* em 1978.

A presente versão da obra é uma transcrição feita em 2011 por Johannes Schöllhorn. Compositor alemão versado nos modelos seriais, Schöllhorn foi aluno de destacados compositores como Klaus Huber, Emmanuel Nunes e Mathias Spahlinger. No seu arranjo destaca-se ainda mais a valorização de cada nota através do timbre, uma reminiscência da *Klangfarbenmelodie* associada à Segunda Escola de Viena. Esta técnica permite quebrar a noção de direcionalidade sonora ao dividir as notas de uma série pelos vários instrumentos do agrupamento. Assim, a mudança de timbres complica a sua percepção enquanto parte do mesmo material musical.

As aforísticas *Douze Notations* representam diversas formas de abordagem ao serialismo. A primeira centra-se na apresentação da série em secções contrastantes em termos de dinâmicas, registos e timbres, valorizando o paralelismo. Na segunda destaca-se a vitalidade introduzida pelos *glissandi* e pelos *ostinati*, cuja repetição contrasta com a primeira *Notation*. Seguidamente, os *ostinati* ocupam o lugar principal, numa curta peça na qual os diversos registos se sobrepõem e interagem. A textura esparsa da *Notation IV* reforça uma atmosfera contemplativa e, na seguinte, destaca-se a oposição de registos e a angularidade melódica proporcionada pela série. Paralelamente, a *Notation V* recupera parcialmente a atmosfera das obras de Webern, conciliando material de características quase temáticas com uma abordagem pontilhística. O movimento

perpétuo, a imitação e os *ostinati* caracterizam a peça seguinte, que conduz a uma *Notation* influenciada pela música de gamelão do Bali. A *Notation VIII* tem um carácter estático, em que o lento movimento dos materiais se faz em torno de um eixo principal. Um *ostinato* que se torna progressivamente mais denso e tenso marca a *Notation IX*, e a seguinte baseia-se na sobreposição de uma melodia angular a um bloco sonoro grave. A *Notation XI* retoma uma atmosfera contemplativa, dando lugar à *Notation XII*, cuja estrutura assenta em contrastes dinâmicos entre blocos sonoros. Assim, aspectos como o timbre, o registo, o ritmo e a dinâmica vão-se afirmando centrais para o pensamento musical de Boulez, cujo sistema de distribuição de alturas sonoras se irá expandir nas obras seguintes.

JOÃO SILVA, 2015

Karlheinz Stockhausen

MÖDRATH, 22 DE AGOSTO DE 1928

KUERTEN, 5 DE DEZEMBRO DE 2007

***Hymnen* (Terceira Região), música electrónica com orquestra**

Composta no final da década de 1960, *Hymnen* é originalmente uma obra para meios electroacústicos, dividida em quatro andamentos a que Karlheinz Stockhausen dá o nome de “regiões”. O nome da obra remete para a livre utilização de hinos de várias nações como material composicional e cada andamento contém hinos de diversos países cuja organização, apesar do nome “regiões”, não é claramente geográfica ou geopolítica. Escrita num período de grandes tensões mundiais — em plena Guerra Fria, com vários palcos de guerra espalhados pelo mundo e o Vietname a agitar a opinião pública no Ocidente — e de expansão dos movimentos civis e da contracultura — da Primavera de Praga ao Maio de 68, passando pelo Movimento dos Direitos Civis —, o objectivo de Stockhausen é o de apelar à união de todos os povos, celebrando ao mesmo tempo a sua diversidade.

Em 1966, quando inicia o processo de composição de *Hymnen*, Stockhausen está no início de um período intermédio do seu percurso composicional, que se segue ao tremendo impacto dos seus produtivos anos de juventude e que antecede a longa dedicação ao ciclo *Licht*, no qual focará a sua produção entre 1977 e 2003. Este período intermédio é caracterizado por uma simplificação dos processos de composição (visível em obras como, e.g., *Stimmung*, de 1968) e tem como eixo a Exposição Mundial de Osaka (em 1970), na qual a Alemanha Ocidental se faz representar por um auditório esférico dedicado quase integralmente

à *performance* de música de Stockhausen. É também neste período que Stockhausen reúne à sua volta um grupo de jovens intérpretes e compositores que colaboram na concepção das suas obras e que com ele viajam pelo mundo para as apresentar em concerto. *Hymnen* inclui-se, aliás, entre estas obras, numa versão para meios electroacústicos e grupo de solistas. Entre os mais féis membros deste grupo estão nomes que mais tarde se destacarão por mérito próprio como, e.g., Péter Eötvös e Rolf Gehlhaar. Com a sua vida dominada por viagens pelo mundo para apresentação de obras e com o espírito ocupado pelos planos para seis meses ininterruptos de música no seio de um cenário de quase utópica reunião mundial, a ideia de *Hymnen* parece então uma consequência natural do seu contexto.

Cada região de *Hymnen* está organizada ao redor de vários centros (ou seja, de hinos principais em torno dos quais se organizam os restantes) e é dedicada a um compositor contemporâneo de Stockhausen. O compositor tem planos para várias regiões, antecedendo assim a ideia dos longos ciclos que dominará o período seguinte, mas conclui apenas quatro. A Primeira Região é dedicada a Pierre Boulez e tem dois centros: a *Internacional* e *La Marseillaise* (i.e., o hino de França). A Segunda Região é dedicada a Henri Pousseur e tem quatro centros: o hino da República Federal da Alemanha, um compósito de hinos nacionais africanos, o início do hino da União Soviética e o que Stockhausen apelida de “centro subjectivo”, que consiste numa gravação de uma conversa entre o próprio e David Johnson (seu assistente musical à época) durante a composição da obra. A Terceira Região é dedicada a John Cage e tem três centros: a continuação do hino da União Soviética, o hino dos Estados Unidos da América e o hino de Espanha.

A Quarta Região é dedicada a Luciano Berio e tem um “centro duplo”: o hino da Suíça e o hino do estado utópico Harmondie, intitulado *Hymunion in der Harmondie unter Pluramon*. Esta última região, que Robin Maconie descreve como “a mais misteriosa”, encerra assim o princípio de *Hymnen*, juntando a Suíça (ou seja, um país uno onde se falam várias línguas) e o país ficcionado Harmondie — remetendo para *harmonia* e *mundo* —, com o seu *Hymunion* — remetendo para *hino* e *união* — e sob a liderança de Pluramon — um líder que, segundo Stockhausen, “é ao mesmo tempo pluralista e monista”, concentrando-se no diverso e no único em simultâneo.

A versão de *Hymnen* para orquestra, que ouviremos neste concerto, é apresentada como sendo apenas a Terceira Região. Não obstante, inicia-se naquele que é o terceiro centro da Segunda Região da versão para electroacústica solo ou electroacústica com solistas: o início do hino da União Soviética. Esta versão foi composta em 1969, em resposta a uma encomenda de Leonard Bernstein para a Filarmónica de Nova Iorque. A sua estreia só aconteceu em 1971, em Nova Iorque, sob a direcção do próprio compositor, num concerto que incluiu também as restantes regiões interpretadas na versão para meios electroacústicos e grupo de solistas.

RUI PENHA, 2015

Lucas Vis direcção musical

Considerado um especialista em música contemporânea, Lucas Vis (1947) dirigiu muitas obras em estreia mundial e trabalhou com compositores de renome como John Cage, Mauricio Kagel, Karlheinz Stockhausen, Theo Loevendie e Louis Andriessen. Começou a sua carreira musical como violoncelista, evoluindo como maestro multifacetado a partir da conquista de um prémio num curso de direcção de orquestra no Mozarteum de Salzburgo.

De 1976 a 1979, Lucas Vis foi o maestro titular da Orquestra do Ballet dos Países Baixos, tendo dirigido tanto peças clássicas, como modernas. Na condição de maestro convidado, trabalhou com todas as orquestras holandesas, entre as quais a Orquestra do Real Concertgebouw e a Residentie, orquestras da rádio e diferentes ensembles, abrangendo um amplo repertório. De 1988 a 1996, foi o maestro titular da Noordhollands Philharmonisch Orkest, em Haarlem, tendo dirigido obras de diferentes épocas. Na Ópera dos Países Baixos, sob a sua batuta foram tocadas não só óperas de Wolfgang Amadeus Mozart, Giacomo Puccini, Ferruccio Busoni, Bruno Maderna e Giuseppe Verdi, mas também estreias de compositores holandeses como Otto Ketting, Theo Loevendie e Guus Jansen. Durante o período em que foi assistente de Bruno Maderna, entre 1967 e 1973, recebeu o Prémio de Composição Koussevitzky Tanglewood (1971).

Lucas Vis foi director do Conservatório de Amsterdão entre 1998 e 2005. Além dos convites regulares para dirigir várias orquestras e ensembles, é muito requisitado enquanto orientador e professor.

Stefan Blunier direcção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2022/23 leva-o a dirigir a Orquestra Nacional de Lille e a Filarmónica de Copenhaga. Na temporada passada, foi convidado para os pódios da Orquestra da Suíça Romanda, da Sinfónica de Berna, da Orquestra Estatal de Darmstadt, da Sinfónica da Ópera de Toulon e da Sinfónica de Singapura. Em Junho de 2022 regressou à Ópera Alemã do Reno com *Macbeth* de Verdi.

Depois da nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi recentemente bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi director geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente

Piet Van Bockstal oboé

apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos Concursos de Direcção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim e director musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como director geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Piet Van Bockstal nasceu em Deinze, na Bélgica, em 1963. Estudou com Paul Dombrecht no Real Conservatório de Bruxelas (1981-1986), e depois com Hansjörg Schellenberger (Berliner Philharmoniker) e John Anderson (Philharmonia Orchestra). Foi vencedor de vários prémios nacionais e internacionais (Tromp, Tenuto) e foi o músico jovem do ano na Flandres, em 1990.

Entre 1985 e 2019, foi primeiro oboé solista da Sinfónica da Antuérpia. Tocou praticamente todo o repertório para oboé, enquanto solista (mais de 70 concertos diferentes para oboé e orquestra), mas também em projectos de música de câmara. Das parcerias que manteve, destaque para a pianista Yutaka Oya, o quinteto de sopros Arcane, os quartetos Lindsay e Arditti, o ensemble Oxalys e o Het Collectief.

Tocou um pouco por todo o mundo (América do Sul, China, Japão, Rússia e Europa) e obteve muito sucesso com os discos que gravou (a solo e com orquestra). Construiu uma excelente reputação no domínio da música contemporânea: muitos compositores escreveram especialmente para Van Bockstal, que foi solista em peças de Jonathan Harvey, Kalevi Aho, Karlheinz Stockhausen, Wim Henderickx e Frank Nuyts, entre outros. É co-fundador do conceituado Ictus Ensemble (Bruxelas), mas também colabora regularmente com o Musik-Fabrik (Colónia), o Ensemble Resonanz (Hamburgo) e o Remix Ensemble (Porto).

Além do trabalho enquanto instrumentista, no passado recente geriu a chancela clássica da BMG-Ariola e os concertos da orquestra barroca Il Fondamento, foi director de programação de música de câmara, director artístico da National Youth Orchestra e membro activo de vários órgãos. Desde 2021, é o director geral do Collegium Vocale Gent.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou, em estreia absoluta, cerca de 115 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o primeiro maestro titular do Remix Ensemble.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se nas salas mais prestigiadas de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência, Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktag. Foi o primeiro ensemble português a pisar o palco da Philharmonie de Berlim (2012) e o primeiro agrupamento musical português a actuar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020).

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür e Daniel Moreira, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philotomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e

da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Rebecca Saunders e Justè Janulytè, além de inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

A temporada de 2023 inclui as estreias nacionais de duas obras de Enno Poppe, uma das quais co-encomendada pela Casa da Música. Contando com Matthias Goerne como solista, o Remix Ensemble faz a estreia mundial de uma encomenda a Jörg Widmann: uma nova versão para ensemble e barítono do ciclo de canções *Dichterliebe* de Robert Schumann. Divide o palco ainda com Ilya Gringolts, interpretando o *Concerto para violino* de Ligeti. Em Outubro, regressa à Philharmonie de Paris.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Digitópia electrónica

A Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música electrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. É constituída por uma equipa jovem mas altamente especializada e multidisciplinar. O seu âmbito de acção é bastante alargado, incluindo actividades e projectos como o desenvolvimento de software e hardware, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades, o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo e a recolha e transmissão de concertos. Tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Remix Ensemble

Violino

Angel Gimeno
José Pereira

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner
Mariana Portovedo

Oboé

Claire Colombo

Clarinete

Victor J. Pereira
Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Aleš Klančar

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos
João Cunha
Daniel Bolba

Piano

Jonathan Ayerst
Vitor Pinho
João Casimiro Almeida

Harpa

Carla Bos

Orquestra Sinfónica

Violino I

Álvaro Pereira
Paula Carneiro*
Radu Ungureanu
Vladimir Grinman
Ana Luísa Carvalho*
Jorman Hernandez*
Joana Machado*
Mariana Cabral*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Karolina Andrzejczak
Paul Almond
José Pedro Rocha*
Mariana Moita*
Afonso Almeida*

Viola

Mateusz Stasto
Pedro Meireles
Anna Gonera
Catarina Gonçalves*
Carlos Monteiro*
Cristiana Barreiro*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
João Cunha
Sharon Kinder
Ana Sofia Leão*
Burak Özkan*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Pedro Barbosa*
Raúl Represas*
Joana Vaz*

Flauta

Paulo Barros
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Telma Mota*

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner

Trompa

Raúl Roque*
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Pedro Silva*

Tuba

Sérgio Carolino

Electrónica

Óscar Rodrigues**

*instrumentistas convidados

**Digitópia

FAÇA UMA NOVA MELODIA COM O SEU IRS

Consigne 0,5% do seu IRS liquidado à Fundação
Casa da Música e ajude à criação de novas melodias.



saber mais

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

